

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*  
Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente*  
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*  
William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*  
Danilo Rothberg

Luis Fernando Ayerbe  
Marcelo Takeshi Yamashita  
Maria Cristina Pereira Lima  
Milton Terumitsu Sogabe

Newton La Scala Júnior  
Pedro Angelo Pagni

Renata Junqueira de Souza  
Sandra Aparecida Ferreira  
Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*  
Anderson Nobara  
Leandro Rodrigues

THEODOR W. ADORNO

# Aspectos do novo radicalismo de direita



Conferência

Tradução  
Felipe Catalani



editora  
unesp

© 2019 Suhrkamp Verlag Berlin

© 2020 Editora Unesp

Título original: *Aspekte des neuen Rechtsradikalismus – Ein Vortrag*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

A241a

Adorno, Theodor W.

Aspectos do novo radicalismo de direita / Theodor W. Adorno; traduzido por Felipe Catalani. – São Paulo: Editora Unesp, 2020.

Tradução de: *Aspekte des neuen Rechtsradikalismus – Ein Vortrag*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-008-9

1. Ciências políticas. 2. Direita. 3. Radicalismo. 4. Theodor W. Adorno. 5. Filosofia. I. Catalani, Felipe. II. Título.

2020-2669

CDD 320

CDU 32

Editora afiliada:

AELAC  
Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe

ABEU  
Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## Sumário

**Introdução à Coleção . 7**

**Introdução à edição brasileira: Depois da meia-noite no  
título: Adorno e as análises do fascismo . 11**

**Aspectos do novo radicalismo de direita**

**Introdução editorial . 79**

**Introdução à edição alemã . 81**

lista<sup>76</sup> – em uma situação como essa, tentar salvar aquilo que desmorona não é simplesmente inócuo, mas fortalece o que se pretende combater.

Felipe Catalani

### Bibliografia recomendada

- CLAUSSEN, Detlev. A banalidade do mal: sobre Auschwitz, a religião do cotidiano e a teoria social, Viso, *Cadernos de Estética Aplicada*, n.12, jul-dez/2012, 46-60.
- COOK, Deborah. Adorno on late capitalism: Totalitarianism and the welfare state. *Radical Philosophy* n.89, May/June 1998.
- FISCHER, Lars. The Frankfurt School and Fascism. In: BEST, Beverly; BONEFELD, Werner; O'KANE, Christ (eds). *The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory*. California: Sage, 2018.
- HABER, Stéphane. Pathologies of authority: some aspects of the Frankfurt School notion of "Authoritarian Personality", *Cités* 2001/2 (n.6), 49-66.
- NEVES SILVA, E. S.; DE CAUX, L. Ph. Uma pré-história filosófica do antissemitismo: Adorno e Horkheimer sobre a genealogia do ódio antissemita. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v.10, p.255-72, 2019.

76 Horkheimer, "Die Juden und Europa", op. cit.

9 // Aspectos do novo radicalismo  
de direita



Prezadas senhoras e senhores, eu gostaria não de lhes fornecer uma teoria do radicalismo de direita pretensamente completa, mas de tentar, em algumas observações soltas, ressaltar algumas coisas sobre as quais talvez nem todos estejam cientes. Com isso eu não quero invalidar outras interpretações teóricas, mas simplesmente tentar complementar um pouco aquilo que se pensa e se sabe de forma tão geral sobre essas coisas.

Em 1959, dei uma palestra intitulada "O que significa: elaboração do passado", na qual desenvolvi a tese de que é possível explicar o radicalismo de direita, ou de que é possível explicar o potencial de um tal radicalismo de direita, que à época na verdade ainda não era visível, pelo fato de que os pressupostos

10 sociais do fascismo ainda perduram. // Senhoras e senhores, eu quero então partir daí: os pressupostos dos movimentos fascistas, apesar de seu colapso, ainda perduram socialmente, mesmo se não perduram de forma imediatamente política. Em primeiro lugar, penso na tendência ainda dominante de concentração do capital, que se pode eliminar do mundo pelas mais diversas artes da estatística, mas de cuja existência não se pode, se-

riamente, duvidar. Além disso, essa tendência de concentração ainda significa a possibilidade da desclassificação permanente de camadas que eram completamente burguesas de acordo com sua consciência de classe subjetiva e que querem fixar seus privilégios e seu *status* social, e possivelmente fortalecê-los. Esses grupos continuam a tender a um ódio ao socialismo ou àquilo que eles chamam de socialismo, isto é, transferem a culpa de sua própria desclassificação potencial não ao aparato que a causa, mas àqueles que se opuseram criticamente ao sistema no qual outrora eles possuíam *status*, ao menos segundo concepções tradicionais. Se eles ainda fazem isso hoje, ou se sua prática ainda é essa, isso é uma outra questão.

- 11 // Ora, a transição ao socialismo, ou, dito de modo mais modesto, também somente a transição às organizações socialistas tornou-se há bastante tempo muito difícil para esses grupos, muito mais difícil do que era antigamente, ao menos na Alemanha – e minhas experiências referem-se em primeiro lugar à Alemanha, naturalmente. Sobretudo porque o SPD, o Partido Social-Democrata Alemão, é identificado com um keynesianismo, um liberalismo keynesiano, que por um lado desvia-se dos potenciais de uma transformação da estrutura da sociedade que estavam dados na teoria marxiana clássica, mas por outro lado fortalece a ameaça de pauperização, pelo menos como consequência, para as camadas das quais eu estava falando. Evoco o simples fato da inflação que se aproxima silenciosamente, mas que é bastante notável e que é uma consequência justamente do expansionismo keynesiano. E chamo atenção ainda para uma tese, que desenvolvi justamente naquele trabalho de oito anos atrás e que no entretanto começa a se atualizar bastante, a saber: apesar do pleno emprego e apesar desses sintomas de

- 12 prosperidade, o fantasma do desemprego tecnológico // continua a rondar de tal modo que, na era da automatização – que ainda está atrasada na Europa central, mas que sem dúvida recuperará o atraso –, também as pessoas que estão no processo de produção sentem-se já como potencialmente supérfluas. E expressei isso de forma bastante extrema: elas sentem-se na verdade como desempregados potenciais. A isso adiciona-se ainda naturalmente o medo do Leste, tanto por causa do baixo nível de vida ali, como devido à ausência de liberdade que é experimentada de forma imediata e bastante real pelas pessoas, também pelas massas. E há ainda, pelo menos até pouco tempo atrás, o sentimento da ameaça política externa.

- Devemos lembrar da situação peculiar que predomina em relação ao problema do nacionalismo na época dos grandes blocos de poder. Dentro desses blocos, o nacionalismo perdura, no entanto, como órgão da representação coletiva de interesses dentro dos grandes grupos em questão. Não há dúvidas de que, em termos de psicologia social, e também na realidade, há um medo bastante difundido de entrar nesses blocos e de ali ser fortemente prejudicado no que diz respeito à existência material. Ou seja, na medida em que se trata, // por exemplo, do potencial agrário do radicalismo de direita, é aqui com certeza extraordinariamente forte o medo da CEE (Comunidade Econômica Europeia) e das consequências da CEE para o mercado agrário.

Porém, ao mesmo tempo, e aqui eu toco no caráter antagônico que tem o novo nacionalismo ou radicalismo de direita, há nele algo de fictício diante do agrupamento do mundo hoje em alguns blocos gigantescos nos quais as nações e os Estados individuais desempenham tão somente um papel subordinado.

Na verdade, ninguém mais acredita totalmente nisso. A nação individual é extraordinariamente restringida em sua liberdade de movimento pela integração nos grandes blocos de poder. Mas não se deveria tirar daí a conclusão simplista de que, por isso, o nacionalismo, devido a seu caráter ultrapassado, não desempenharia mais nenhum papel decisivo. Pelo contrário, com frequência ocorre que convicções e ideologias, justamente quando elas não são mais de fato substanciais devido à situação objetiva, assumem então seu caráter demoníaco, seu caráter verdadeiramente destrutivo. Afinal, a caça às bruxas não ocorreu

14 na época do alto tomismo, mas na época da Contrarreforma, // e algo parecido ocorre hoje com o, se eu puder chamar assim, nacionalismo "pático". Aliás, já na época de Hitler houve esse momento da força daquilo em que não se acredita totalmente. E isso já era possível observar na época: essa oscilação, essa ambivalência entre o nacionalismo simulado e a dúvida sobre ele, a qual então torna necessário disfarçá-la, de modo a, ao mesmo tempo, convencer a si e aos outros sobre ele.

Bom, a partir dessas teses bastante simples quero primeiro tirar algumas consequências. Creio que isso pode ser explicado a partir daquilo que eu lhes disse, a saber: trata-se fundamentalmente de um medo das consequências dos desenvolvimentos gerais da sociedade, e o que foi observado em toda parte pelos institutos de pesquisa de opinião, e que também se confirmou a partir de nosso próprio trabalho, é que os apoiadores do velho e do novo fascismo estão hoje espalhados por toda a população. Creio que a suposição bastante difundida de que se trata sobretudo de movimentos especificamente da pequena burguesia, como se observou recentemente no // poujadis-

15

mo francês, mesmo que correta no que concerne, se eu puder dizer assim, ao caráter social desses movimentos, penso que essa tese certamente não está correta no que diz respeito à distribuição, embora certos grupos pequeno-burgueses também estejam certamente entre os suscetíveis. Sobretudo também os pequenos comerciantes, que são imediatamente ameaçados pela concentração do comércio de varejo nas lojas de departamento e instituições semelhantes. Além da pequena burguesia, certamente desempenham um papel enorme os agricultores, que se encontram em uma crise permanente. E penso que, enquanto não se conseguir realmente resolver o problema agrário de forma radical, a saber, de uma forma não subvencionista, artificial e novamente problemática, enquanto não se alcançar realmente uma coletivização sensata e racional da agricultura, esse caldeirão prestes a explodir continuará a existir.

Além disso, há também nesses movimentos, em geral, algo como uma oposição entre a província e a cidade que se agrava. Também certos grupos particulares parecem ser especialmente vulneráveis, como os pequenos vinicultores na região de Pfalz na Alemanha. No que // concerne ao apoio dos industriais a esses movimentos, não há realmente até agora provas concretas para isso. É preciso ser bastante cauteloso com todas essas coisas para não se pensar de forma muito esquemática, por exemplo com o esquema da indústria que força o fascismo. Não se deve operar tão levemente. Deve-se ter também em mente que o fascismo, cujo aparato sempre tem a tendência de se autonomizar diante dos interesses econômicos fundamentais, tampouco é uma amenidade para a grande indústria, e que na Alemanha embarcou-se no fascismo como uma *ultima ratio*, isto é, no instante da crise econômica realmente enorme que cla-

16

ramente não deixou uma outra possibilidade para a indústria falida da região do Ruhr.

17 Claro, há os quadros de velhos nazistas. Mas também aqui eu quero dizer, e simplesmente com base em observações feitas no interior da pesquisa social empírica, que não se deve acreditar que se trata meramente dos assim chamados "incorrigíveis", sobre os quais se sacode os ombros. São atraídos também, sem dúvida, jovens, // em especial também tipos daqueles, digamos, que vivenciaram a derrocada em 1945 enquanto meninos de quinze anos e que têm o sentimento extraordinariamente forte de que "a Alemanha deve se reerguer".

Talvez eu possa dizer aqui, do ponto de vista da psicologia social – embora não tome essas coisas como questões primariamente psicológicas –, que, no ano de 1945, o verdadeiro pânico, a verdadeira dissolução da identificação com o regime e com a disciplina não ocorreu, como foi o caso na Itália, mas foi algo que permaneceu coeso até o fim. A identificação com o sistema na Alemanha nunca foi de fato radicalmente destruída, e aí reside naturalmente uma das formas pelas quais esses grupos que eu mencionei agora mesmo podem se vincular a isso.

18 Ouve-se com muita frequência, em relação a essas categorias como "os eternamente incorrigíveis" e outros fraseados de consolo, a afirmação de que haveria em toda democracia algo como um resíduo de incorrigíveis ou de idiotas, uma assim chamada *lunatic fringe*, como dizem nos Estados Unidos. E, quando se diz isso, // há aí um certo consolo quietista burguês. Creio que a isso só se pode responder: claro que em toda assim chamada democracia do mundo observa-se algo desse tipo, com intensidade variada, mas somente enquanto expressão de que a democracia, no que concerne ao conteúdo (o conteúdo socioe-

conômico), até hoje não se concretizou real e totalmente em nenhum lugar, tendo permanecido como algo formal. E, nesse sentido, poderíamos caracterizar os movimentos fascistas como as feridas, as cicatrizes de uma democracia que até hoje ainda não faz justiça a seu próprio conceito.

Eu gostaria de dizer também, em se tratando de corrigir certas concepções clichês sobre esses assuntos, que a relação desses movimentos com a economia é uma relação estrutural que existe naquela tendência de concentração e na tendência à pauperização. Mas isso não pode ser imaginado tanto no curto prazo e, quando se equipara simplesmente radicalismo de direita com os movimentos da conjuntura, pode-se chegar a juízos bastante falsos. Os êxitos do NPD<sup>1</sup> na Alemanha já eram um tanto alarmantes antes da // retração econômica, e de certo modo eles a anteciparam, ou, se quiserem, eles a descontaram. Eles anteciparam, por assim dizer, um medo e um terror que só então se agudizaram bastante.

Com essa expressão, da antecipação do terror, creio realmente ter tocado algo bastante central que, até onde posso ver, é muito pouco levado em conta nas visões correntes sobre o radicalismo de direita: a relação bastante complexa e difícil que se dá aqui com o sentimento de catástrofe social. Poderíamos falar de uma distorção da teoria do colapso de Marx que se dá nessa consciência bastante deformada e falsa. Por um lado, pergunta-se pela dimensão racional: "Como isso poderá continuar se houver algo como uma grande crise?" – e, para esse

1 Nationaldemokratische Partei Deutschlands (Partido Nacional-Democrático da Alemanha), partido de extrema direita fundado em 1964. (N. T.)

caso, esses movimentos recomendam a si mesmos. No entanto, por outro lado, eles possuem algo em comum com aquele tipo de astrologia manipulada de hoje, que é, para mim, um sintoma sociopsicológico extremamente importante e característico, pois eles de certo modo querem a catástrofe, eles se nutrem // com fantasias do fim do mundo, que, aliás, como sabemos a partir de documentos, também não eram estranhas à antiga claque dirigente do NSDAP<sup>2</sup>

Se eu devesse falar de modo psicanalítico, diria que o desejo inconsciente de desgraça, de catástrofe, não é aqui a menor das forças mobilizadas a que esses movimentos fazem apelo. Mas eu gostaria ainda de adicionar a isso – e com isso falo àquelles que, com razão, são cétricos em relação a uma interpretação meramente psicológica de fenômenos sociais e políticos – que esse comportamento de forma alguma é só psicologicamente motivado, ele tem também sua base objetiva. Para quem não vê nada diante de si e para quem não quer a transformação da base social, não sobra na verdade absolutamente nada, senão dizer, como o Wotan de Richard Wagner: “Sabes o que Wotan quer? O fim”.<sup>3</sup> A partir de sua própria situação social, ele quer a destruição [*Untergang*]. Mas ele não quer só a destruição de seu próprio grupo, ele quer, se possível, a destruição do todo.

Se eu puder dizer ainda algo sobre o aspecto // especificamente alemão da ascensão do NPD, então diria que aqui a função do conceito de organização certamente desempenha

2 Nazionalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). (N. T.)

3 Referência a um verso da ópera *O anel do Nibelungo*, de Richard Wagner. (N. T.)

um papel fundamental. Pela primeira vez, já pela aproximação de seu nome ao de outros partidos, o NPD exerceu algo como um apelo organizativo de massa sem ter aquele cheiro de seita como tinham os precursores do NPD de extrema direita, a saber, o Sozialistische Reichspartei<sup>4</sup> e seja lá qual for o nome dos outros. Na Alemanha – e isso é algo especificamente alemão e que não se pode transpor sem mais para a Áustria –, surte efeito aquilo que é rígido e centralista. Já aquilo que mesmo de longe lembre uma seita, ou seja, que não apareça de antemão como se possuísse uma sustentação formidável por trás, é visto como suspeito e não exerce nenhum apelo de massas. A ideia de que não pode haver nenhum solitário faz parte das bases da ideologia alemã. Não à toa sempre colocaram na boca de Hindenburg<sup>5</sup> o “Permaneçam unidos, unidos, unidos!”, e a luta contra a “desordem do partido”, ou seja, a ideia de que o compromisso político em si mesmo já é uma forma de decadência está tão profundamente enraizada na burguesia alemã que, // até hoje, mesmo com a transformação da forma política, pouca coisa mudou nessa ideologia.

Deseja-se, portanto, ter algo atrás de si, e isso explica o grande papel do assim chamado *bandwagon effect* [efeito de adesão], como dizem nos Estados Unidos. Isto é, esses movimentos se apresentam sem exceção como se já tivessem tido um êxito muito grande, e atraem as pessoas por meio do fingimen-

4 Partido neonazista fundado em 1949 e proibido em 1952. Todos os membros da direção do partido eram antigos membros do NSDAP. (N. T.)

5 Paul von Hindenburg, militar que comandou o Exército Imperial Alemão durante a Primeira Guerra Mundial e que posteriormente se tornou presidente durante a República de Weimar. (N. T.)

to de que são, portanto, os garantidores do futuro e de que têm por trás deles sabe Deus o quê. O fato de que na República Federativa Alemã o Estado nacional é algo que se realizou somente com um enorme atraso, sobretudo em comparação com a Inglaterra e a França, é algo que certamente desempenha um papel nesse complexo de unidade. E as pessoas na Alemanha parecem viver em uma angústia permanente em torno de sua identidade nacional, uma angústia que certamente contribui para a supervalorização da consciência nacional como algo seu. Por exemplo, o pânico que acomete os alemães diante da ideia de cisão poderia encontrar sua explicação também aí.

23 Não se deve subestimar esses movimentos // devido a seu baixo nível intelectual e devido a sua ausência de teoria. Creio que seria uma falta total de senso político se acreditássemos, por causa disso, que eles são malsucedidos. O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos no sentido mais amplo, combinada com uma cegueira, com uma abstrusidade dos fins que aí são perseguidos. E creio que justamente essa constelação de meios racionais e fins irracionais, se eu puder expressar de forma abreviada, corresponde de certo modo à tendência geral civilizatória que resulta em uma tal perfeição das técnicas e dos meios, enquanto, na verdade, a finalidade geral da sociedade é ignorada. A propaganda é genial, sobretudo pelo fato de que, nesses partidos e movimentos, ela nivela a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa. Se os meios são substituídos pelos fins em uma medida crescente, então pode-se

quase dizer que, nesses movimentos de direita radical, // a propaganda constitui, por sua vez, a substância da política. E não é nenhum acaso que os assim chamados líderes [*Führer*] do nacional-socialismo alemão, Hitler e Goebbels, eram justamente, em primeiro lugar, propagandistas; e a produtividade e a fantasia deles entrou na propaganda.

Aliás, penso que não se deve por isso exagerar os conflitos nas cúpulas alemãs do NPD. Se a minha impressão estiver correta, então ganhou a assim chamada ala dura ou radical. Deve-se lembrar da antiga relação entre o NSDAP e os “nacionalistas alemães” ligados a Hugenberg.<sup>6</sup> Eles continuam não tendo uma base de massas, e a base de massas parece agora realmente coincidir com aquele momento da política de catástrofe, do exagero de si mesmo, ou, se quiserem, com aquele momento de delírio.

Aliás, nesse contexto, isso é bem interessante, e é algo que deveria ser considerado pela ciência política e sobretudo pelos próprios políticos que analisam tais coisas: o fato de, apesar das catástrofes, tais estruturas possuírem uma curiosa constância. Ou seja, // apesar das grandes catástrofes, parece simplesmente se repetir nas disputas políticas dentro do NPD algo parecido com o fato de que os “nacionalistas alemães” [*Deutschnationalen*] eram inferiores aos nacional-socialistas na luta pelo poder.

6 “*Deutschnationalen*”: refere-se a apoiadores e membros do *Deutschnationale Volkspartei*, partido conservador da República de Weimar no qual se concentravam nobres, apoiadores do *Kaiser* e antisemitas. De 1928 a 1933, o partido foi comandado por Alfred Hugenberg, passando a cooperar com os nazistas de forma mais intensa. Posteriormente, foi consideravelmente “absorvido” pelo NSDAP. (N. T.)

Agrupamentos políticos sobrevivem a sistemas e a catástrofes. Na Alemanha, por exemplo, antigos polos nazistas como Nordhessen, onde já nos anos 1880 houve um movimento antissemita selvagem, ou como o norte da Baviera, parecem ser especialmente suscetíveis. Grupos que se consideram ao mesmo tempo anticonservadores e antivermelhos<sup>7</sup> tendem, com essa dupla oposição, de forma quase *a priori* ao radicalismo de direita, e posso imaginar que se possa observar algo parecido na Áustria em relação a essa estrutura. Naturalmente, não se deve escamotear o que há de manipulado e de forçado em todos esses movimentos. Eles têm algo de um fantasma de um fantasma. Seria falso e histérico se imaginássemos hoje na Alemanha que, por trás dessas coisas, há algo como um movimento de massas espontâneo. Entretanto, // um tal movimento pode muito bem se formar se o potencial dado pelas condições objetivas for capturado e conduzido a situações agravantes. E, nesse caso, certamente é correto que os grupos extremistas, de acordo com a dinâmica que sempre se mostra nessas situações, ganharão o controle. Hoje, com certeza, não estamos nesse ponto, mas, por outro lado, não se podem tomar como invariantes os números sobre o potencial do radicalismo de direita, que aliás não são nada pequenos, publicados pelos pesquisadores de opinião. O fato de que não se acredita totalmente nessas coisas não torna as coisas melhores. Por um lado, isso contém a possibilidade à qual se deve vincular defensivamente — pode-se

7 No original, "*anti-schwarz und anti-rot*" [antinegro e antivermelho]: no sistema oficial alemão de identificação política, o negro é a cor da CDU (União Democrático-Cristã), e vermelho do SPD (Partido Social-Democrata alemão), embora "antivermelho" possa ter o sentido também de antiesquerda em sentido mais amplo. (N. T.)

usar essa contradição e o fato de que não se acredita plenamente nessas coisas para confrontar essas tendências —, mas há aí a possibilidade e o potencial mesmo desses movimentos de crescerem ao ponto de se tornarem sistemas delirantes, e já não pode haver mais nenhuma dúvida de que os assim chamados movimentos de massa de estilo fascista possuem uma relação bastante profunda com os sistemas delirantes. Aqui cumpre um papel significativo aquele tipo antropológico que no livro sobre a personalidade autoritária // eu chamei de "tipo manipulador" — aliás, em uma época em que todo o material sobre os Himmlers, Höß e Eichmanns ainda não era conhecido, mas somente com base no material dado na época pela pesquisa social empírica. Trata-se, portanto, de homens que são simultaneamente frios, desprovidos de relação, estritamente inclinados à tecnologia, mas que justamente são em um certo sentido maníacos, como o era Himmler de modo prototípico. E essa curiosa unidade de sistema delirante e perfeição tecnológica parece estar em ascensão e parece desempenhar novamente um papel decisivo nesses movimentos em geral.

Por outro lado, senhoras e senhores, deve-se naturalmente ressaltar enfaticamente as diferenças da época de Weimar se não quisermos mais uma vez pensar em analogias de forma esquemática. Deve-se, em primeiro lugar, mencionar os efeitos da derrota. Essa derrota foi, no entanto, encoberta pelo período de prosperidade. E aqui é necessário colocar-se de forma decisiva contra essas coisas. De antemão, não se deve operar com apelos éticos, com apelos à humanidade, pois a palavra mesma "humanidade" e // tudo que tem a ver com isso faz as pessoas das quais se trata aqui se inflamarem, e tem o mesmo efeito de medo e fraqueza. Um efeito parecido com o de alguns casos

que me são conhecidos, como a menção a Auschwitz ter conduzido a gritos como “viva Auschwitz”, e a mera menção de nomes judeus ter produzido gargalhadas.<sup>8</sup>

29 A única coisa que me parece realmente prometer algo – eu antecipo isso porque tomo como uma das questões centrais a oposição a esse movimento – é alertar os potenciais apoiadores do radicalismo de direita sobre suas consequências, tornar-lhes claro que essa política inevitavelmente conduzirá seus próprios apoiadores à desgraça e que essa desgraça já é refletida de antemão, tal como Hitler, já no início, empregou a expressão “então prefiro dar um tiro na própria cabeça”, repetindo-a mais tarde em todas as oportunidades. Ou seja, se quisermos seriamente confrontar essas coisas, deve-se referir aos interesses drásticos daqueles a quem a propaganda se dirige. Isso vale especialmente para a juventude, // que deve ser alertada da disciplina militar sob todas suas formas, da opressão de sua esfera privada e de seu estilo de vida. E deve-se alertá-los do culto de uma assim chamada ordem, que por seu lado não se verifica pela razão; deve-se alertá-los sobretudo do conceito de disciplina, que é apresentada como um fim em si, sem que sequer a pergunta

8 Adorno parece se referir aqui a uma observação feita no estudo sobre o agitador fascista de Leo Löwenthal e Norbert Guterman: “Durante a narrativa do orador sobre os sofrimentos infligidos a ele como resultado de insultos, o público ficou quieto como se impressionado por essa história de inocência perseguida. A menção de um nome judeu gerou risos – um alívio da tensão. [...] O riso parece prenunciar o prazer da caça antecipada. A sugestão é que os seguidores riam apenas porque são generosos – eles deveriam bater, e bater forte, em vez de rir. Como o gato, eles brincam com o rato” (Löwenthal, Leo; Guterman, Norbert, *Prophets of Deceit: A Study of the Techniques of the American Agitator*, Nova York: Harper & Brothers, 1949, p.63). (N. T.)

“disciplina para quê?” seja feita. Por exemplo, a fetichização de tudo que é militar, tal como aparece em belas expressões como “*der soldatische Mensch*”,<sup>9</sup> se insere certamente nesse contexto.

30 Uma outra diferença a ser lembrada é o contexto político. Em todo caso, a Alemanha hoje não é mais sujeito político, nem mesmo só potencialmente, tal como foi o caso na época de Weimar. Há até mesmo a ameaça de que, por meio desse movimento, a Alemanha seja excluída da tendência política mundial em geral e acabe então realmente se provincianizando totalmente. Por um lado, isso coloca limites reais muito mais estreitos a esse tipo de política, a não ser que em outros países mais poderosos o radicalismo de direita // consiga igualmente se impor. Por outro, é precisamente isso que produz a fúria. E essa fúria deverá então ser descontada sobretudo naquilo que se costuma chamar de “setor cultural”. Por isso, se eu puder só uma vez me calar a respeito dos interesses que se tem aí enquanto intelectual [*geistiger Mensch*], eu diria que, também do ponto de vista da política, devem ser observados com especial atenção os sintomas da reação cultural e da provincianização posta em movimento, uma vez que, simplesmente porque esses movimentos carecem de liberdade de movimento na política externa, esse é o âmbito no qual eles mais estão à vontade, e certamente tentam e vão tentar ainda mais ficar à vontade. Há aí toda uma série de inimigos designados. Por exemplo, a *imagem* do comunista. Na República de Weimar era assim, o Partido

9 *O homem militar*, título de um livro de Werner Picht publicado na Alemanha em 1940. Picht trabalhou no serviço de imprensa da Wehrmacht (Picht, Werner, *Der soldatische Mensch*, Berlim: Fischer, 1940). (N. T.)

Comunista era um partido numericamente bastante forte e a rivalidade política entre os nazis e os comunistas tinha em todo caso uma certa plausibilidade, apesar de que o significado real do que na época chamavam de ameaça comunista certamente era bastante exagerado diante da posição da Reichswehr.<sup>10</sup> // Hoje não há mais um partido comunista na Alemanha,<sup>11</sup> e assim o comunismo assumiu realmente uma espécie de caráter mítico, isto é, ele se tornou completamente abstrato, e esse peculiar caráter abstrato faz que, de novo, simplesmente tudo que de alguma forma não convém é subsumido a esse conceito elástico de comunismo e é rechaçado enquanto comunista. Por exemplo, o infame Kongo-Müller, um homem que ficou na Alemanha, um alemão que, dentre os mercenários que atuaram no Congo, teve um papel especialmente horroroso. Também ele declarou que, em qualquer lugar no mundo onde fosse necessário lutar contra o comunismo, ele iria se prontificar imediatamente, pois isso seria o sentido da democracia.

Bom, isso é separado de qualquer conhecimento do assunto. Comunismo tornou-se puramente uma palavra para assustar. Também o conceito de materialismo desempenha um papel como um conceito que assusta, em que se confunde de uma maneira bastante nebulosa o materialismo da busca por lucro e do interesse por vantagem material com a teoria materialista da história, e então agem como se aqueles que querem mudar esse sistema // fossem justamente os materialistas vulgares que só querem ter mais posses.

10 *Reichswehr* era o nome das forças armadas alemãs de 1919 até 1935, quando foi renomeada para *Wehrmacht*. (N. T.)

11 O Partido Comunista Alemão (KPD) foi proibido na Alemanha Ocidental entre 1956 e 1968. (N. T.)

Creio, aliás, que uma das cisões curiosas internas à consciência de classe que há hoje — e disso temos certamente material concreto — é que aqueles que se identificam com a consciência de classe burguesa em sentido mais amplo consideram-se em geral idealistas, enquanto os trabalhadores, que continuam tendo que pagar a conta, têm ainda justamente um certo tipo de ceticismo, que pouco tem a ver com a teoria, mas que se opõe com extraordinária veemência à essência ideológica desse assim chamado idealismo, que é um idealismo vulgar — pois não há somente o materialismo vulgar, há também o idealismo vulgar.

Há certamente uma *bête noire*, sobretudo enquanto não se puder ser abertamente antisemita e enquanto também não se puder matar os judeus, porque afinal isso já aconteceu, então odeiam em especial os intelectuais. O termo “intelectual de esquerda” também é uma dessas expressões para assustar.

33 Em primeiro lugar, apela-se aí // também à desconfiança alemã contra aquele que não tem cargo nem dignidade, que não tem um posto fixo, que é observado como alguém que vaga na vida, como “alguém que vive de brisa” [*Luftmensch*], como se dizia antigamente na Polônia. Quem não se insere na divisão do trabalho, quem por meio de sua profissão não está ligado a uma determinada posição e, portanto, a um pensamento bastante determinado, mas que conservou a liberdade de espírito, é, de acordo com essa ideologia, uma espécie de patife e deve ser cortado fora. Entra aí ainda certamente o antiquíssimo ran-cor do trabalhador manual contra o trabalho intelectual, mas de um modo completamente deslocado e tornado totalmente irreconhecível.

Visto que esses movimentos são por princípio, como eu dizia, técnicas de poder e de modo algum partem de uma teoria

34 elaborada, e porque são impotentes contra o espírito, então eles se voltam contra os portadores do espírito. Como formulou uma vez Valéry, que não é exatamente suspeito de ser de esquerda: “Quando alguém é mais inteligente que você, então ele é um sofista”.<sup>12</sup> Ao mesmo tempo, a separação entre o assim chamado entendimento e o assim chamado sentimento é reificada. Nesse contexto, // não posso deixar de chamar a atenção para o fato de que as observações que fiz no *Jargão da autenticidade* sobre o papel do conceito de existencial e de existência na filosofia existencial, ao menos a de cunho centro-europeia, se confirmaram. Recentemente, em uma polêmica contra uma professora malquista pelos radicais de direita, disseram: “Nós não discutimos com ela, trata-se aqui de oposições existenciais”. Os senhores podem ver aí o quão imediatamente o conceito de existencial entra aqui já a serviço do irracionalismo, da recusa da argumentação racional e do pensamento discursivo em geral. No entanto, eu creio que o clima envenenado da filosofia existencial que domina o espaço germanófono porta uma culpa bastante considerável pela difusão do anti-intelectualismo entre os intelectuais.

35 É óbvio que o antissemitismo continua a ser, apesar de tudo, uma “peça no tabuleiro”. Ele sobreviveu aos judeus, pode-se dizer, e daí vem sua própria forma fantasmagórica. Sobretudo, // também o sentimento de culpa é recusado aí por meio de uma racionalização: “Deve ter algo aí, senão não os teriam matado”.

12 Citação original: “Si quelqu’un traite quelqu’un de sophiste, c’est qu’il se sait plus sot” [Se alguém chama o outro de sofista, é porque ele sabe que é mais burro] (Valéry, Paul, *Tel Quel*, Paris: Gallimard, 1941, p.347). (N. T.)

Porém, há por enquanto um tabu sobre essas coisas na legislação oficial. Mas ainda o tabu em relação à menção aos judeus torna-se um meio da agitação antissemita, e com a piscadela de olhos que significa: “Não podemos dizer nada sobre isso, mas nos entendemos entre nós. Todos sabemos o que queremos dizer”. E para essa técnica de insinuação basta meramente mencionar um nome judeu para produzir determinados efeitos.

Aliás, uma técnica da nova manipulação do antissemitismo, para a qual eu gostaria de lhes chamar atenção, para que os senhores possam talvez estudá-la um pouco mais a fundo e fazer resistência a ela, é o efeito cumulativo. O *Soldaten-Zeitung*, isto é, o *National-Zeitung*<sup>13</sup> desenvolveu isso com uma virtuosidade extraordinária, conseguindo não escrever nunca em nenhuma edição algo que fosse longe o suficiente a ponto de que medidas contra o antissemitismo e o neonazismo devessem ser tomadas de acordo com a devida legislação vigente. Por outro lado, no entanto, quando se vê uma série de // edições uma após a outra, deve-se estar realmente já tomado pelo espírito do formalismo para que não se veja o que elas querem dizer. E esse perigo, essa forma de insinuação transformada em uma técnica altamente desenvolvida, é portanto uma das coisas que devem ser estudadas e apreendidas de forma precisa, mas seria preciso também tentar encontrar meios legais por meio dos quais seria possível a um Estado democrático fazer frente a isso.

Agora, no que concerne à ideologia, ela é impedida pela legislação de exprimir-se plenamente. Pode-se dizer que todas as

13 Jornal de extrema direita fundado em 1950, com publicações semanais. Sua última publicação foi em dezembro de 2019. (N. T.)

expressões ideológicas do radicalismo de direita são caracterizadas por um conflito permanente entre o não-poder-dizer e aquilo que, como disse um agitador recentemente, deve fazer a audiência ferver – e posso tranquilizá-los, isso não a fez ferver. Ora, esse conflito não é somente externo, mas a coerção à adequação às regras do jogo democrático significa também uma certa alteração nos modos de comportamento, e nessa medida há aí também um momento, como posso dizer, // um momento de fragilidade que esses movimentos têm no estágio de seu retorno. Desaparece o que é abertamente antidemocrático. Pelo contrário: evocam sempre a verdadeira democracia e acusam os outros de antidemocráticos. E nas concessões às regras do jogo democrático há uma certa contradição. O elemento demagógico não pode mais se desdobrar de modo tão desinibido. Lembro, por exemplo, do problema da democracia interna ao partido, que na Alemanha é garantida pela Constituição. Quando a democracia intrapartidária é infringida, corre-se o risco da proibição. Mas se ela é mantida, então essa forma política é fundamentalmente inconciliável com aquilo que se defende ali. Também esse é um momento que deve ser observado para a reação.

O conteúdo dessa ideologia, na medida em que ela é uma ideologia autônoma e constituída (e tomo realmente o ideológico como algo bastante secundário em relação à vontade política de se chegar à frente), é naturalmente alimentada em termos essenciais pela ideologia nazi. Quando se leem os documentos, é chocante o quão pouco de coisas novas foram adicionadas ao velho repertório, o quão ele é secundário e re-  
 38 quentado. // De todo modo, tentou-se usurpar a integração europeia, falando-se, por exemplo, de uma “Nação Europa”,

mas isso justamente mostrou-se como algo claramente muito pouco atrativo, pelo motivo de o nacionalismo ser uma tentativa de autoafirmação em meio à integração, que é, afinal, mais forte. Também aí há uma espécie de contradição.

Na ideologia, desempenha claramente um papel bastante forte – e com isso eu me refiro realmente a um problema científico, mas um problema que não posso me arrojar de lhes dar uma solução real –, desempenha um papel bastante significativo o antiamericanismo, que no período nazi estava preformado no discurso das nações “plutocráticas” e coisas do tipo. Nesse antiamericanismo, tenta-se usurpar da Europa a ideia de “terceira força”. O que está por trás do antiamericanismo, isso é difícil de dizer. Provavelmente ele é em parte a ligação com algo que se sente concretamente, a saber, com o fato de que, sob a democracia formal, o sistema de blocos faz as pessoas se crerem – e não somente a se crerem – // privadas da plena liberdade da decisão política. Talvez eu possa dizer isso *en passant*; eu queria apontar aqui que de modo algum todos os elementos dessa ideologia são simplesmente falsos, mas que também o verdadeiro entra a serviço de uma ideologia não verdadeira e que o truque essencial para resistir a isso consiste em denunciar o abuso da verdade pela inverdade. A técnica mais importante pela qual a verdade é colocada a serviço da inverdade é a de retirar observações verdadeiras ou corretas de seu contexto, isolá-las, como por exemplo quando dizem: “Antes de ele ter feito aquela guerra idiota, com o Hitler estava bastante bom para a gente”, sem que se veja que toda essa conjuntura entre 1933 e 1939 só foi possível por meio da frenética economia de guerra, da preparação para a guerra. Há diversos exemplos desse tipo.

De todo modo, isso se liga a todo o complexo da autonomia, na qual desemboca a democracia e que ao mesmo tempo não é plenamente realizada no sistema dominante. Se eu não estiver enganado com minhas observações, um dos *slogans* mais eficazes do neofascismo foram frases utilizadas como “pode-se // votar novamente”. Ou que eles, variando um *slogan* de Goebbels (a saber, o dos “partidos do sistema”), falavam dos “partidos da licença”, isto é, dos partidos que teriam sido licenciados pelas antigas potências ocupantes. E isso foi enormemente eficaz, porque as pessoas tinham o sentimento de que, com esse movimento que quer abolir a liberdade, elas ao mesmo tempo alcançam novamente a posse da liberdade, da livre possibilidade de decisão, da espontaneidade. Penso que seria importante se esse motivo, que é bastante misturado com o do antiamericanismo, fosse discutido de forma detida.

É essencial, nessa ideologia, seu caráter fragmentado. Diversas “peças”, como a expansão rumo ao leste, o real imperialismo, sumiram *nolens volens*. Falta completamente a perspectiva “amanhã o mundo todo”,<sup>14</sup> e com isso toda essa ideologia fica sem impulso, baseando-se ainda mais no desespero, tal como era de forma latente no nacional-socialismo. Mas eu gostaria de repetir que no fascismo nunca houve realmente uma teoria

14 Referência à célebre canção nazista “Es zittern die morschen Knochen” [Os ossos podres tremem] (1932), de Hans Baumann, que se tornou popular enquanto cancionista na Alemanha de Hitler. Adorno se refere mais especificamente aos versos: “Heute gehört uns Deutschland, und morgen die ganze Welt” [hoje nos pertence a Alemanha, e amanhã o mundo todo]. Após a guerra (e ainda hoje), aqueles que tentam “salvar” a música se justificam dizendo que na canção original, no lugar de “gehört” (pertence) seria “da hört” (escuta). (N. T.)

41 formada, sempre foi algo *sous-entendu*; // tratava-se de poder, de práxis sem conceito, e, por fim, de dominação incondicional. Diante disso, o espírito, como ele se imprime na teoria, é algo secundário. E justamente isso também proporcionou então a esses movimentos, do ponto de vista ideológico, aquela flexibilidade que se pode observar sob formas diversas. Ademais, reside também no espírito do tempo o predomínio de uma práxis sem conceito, e isso tem consequência para a propaganda.

Por fim, permitam-me dizer-lhes algumas coisas sobre a propaganda, que na verdade é de certo modo, como sugeri, o cerne, a coisa mesma. Essa propaganda serve menos para a disseminação de uma ideologia, que é demasiado pobre, como lhes disse, e mais para tornar as massas engajadas. A propaganda é, portanto, sobretudo uma técnica de psicologia de massas. Subjacente a isso está o modelo da personalidade fixada na autoridade, hoje tal como na época de Hitler ou nos movimentos da *lunatic fringe*, nos Estados Unidos ou onde for. A unidade reside nesse apelo à personalidade fixada na autoridade. Sempre se diz que es-

42 ses movimentos prometem algo a todos, // e isso está correto enquanto característica da ausência de teoria. Mas isso é falso na medida em que nesse apelo ao caráter fixado na autoridade há uma unidade bastante específica e acentuada. Os senhores nunca encontrarão uma afirmação que não corresponda ao esquema da personalidade fixada na autoridade. E justamente quando se descobre a estrutura do apelo à personalidade fixada na autoridade, os radicais de direita se enfurecem, e eu diria que, em todo caso, isso é uma prova de que nessa estrutura há um ponto nevrálgico. As tendências inconscientes que alimentam a personalidade fixada na autoridade não são tornadas conscientes pela propaganda, pelo contrário, elas são ainda mais

reprimidas no inconsciente, elas são artificialmente mantidas inconscientes. Recordo apenas a importância fundamental dos assim chamados símbolos, que são característicos de todos esses movimentos.

43 Mas quando se começa a falar dessas coisas, então os dominantes tornam-se de repente bastante científicos e explicam que a exposição da personalidade fixada na autoridade // não é estatisticamente provada com a exatidão necessária e tudo o mais, e usam os meios de um positivismo pervertido para inibir a experiência, a experiência viva. Diga-se de passagem que esse é o ponto no qual os problemas, sobre os quais eu lhes falei ontem à noite,<sup>15</sup> convergem imediatamente com os que eu estou tratando hoje.

Odeia-se sobretudo a psicanálise, naturalmente. O anti-intelectualismo, o medo de que o inconsciente torne-se consciente e o caráter autoritário formam aqui uma espécie de síndrome.<sup>16</sup> Essa técnica de propaganda liga-se igualmente a certos traços formais, assim como a conteúdos particulares mais ou menos isolados. Estou convencido já há bastante tempo – e Horkheimer e eu trabalhamos sobre esse problema particular ainda quando estávamos nos Estados Unidos – de

15 Na palestra “Sobre o problema do conflito social hoje” que havia sido proferida no dia anterior, Adorno inicia sua fala com certas considerações metodológicas (que foram excluídas da versão impressa do texto) sobre a *experiência* no âmbito da pesquisa sociológica. Ele menciona sua tentativa de fazer os alunos treinarem a “imaginação sociológica” e aguçarem a sensibilidade para observar fenômenos sociais. (N. T.)

16 Sobre como Adorno opera a noção de “síndrome”, ver o capítulo “Tipos e síndromes” nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* (São Paulo: Editora Unesp, 2019). (N. T.)

que se trata de um número relativamente pequeno de truques estandardizados e completamente objetivados, que sempre retornam, que são bastante pobres e fracos, mas que, por outro lado, ganham // um certo valor propagandístico para esses movimentos por meio de sua repetição permanente.

45 Sobre o aspecto formal, eu gostaria em primeiro lugar de chamar a atenção para uma coisa contra a qual devemos nos defender, e isso não é nada simples. A saber, o apelo ao concretismo, como eu o chamei. Trabalha-se o tempo todo com o acúmulo de dados – e isso é claramente cultivado pelo NPD na Alemanha –, em especial com o acúmulo de números, aos quais em geral não se pode opor nada, e que é dito com este tom: “O quê? Mas isso toda criança sabe! E o senhor não sabe que na época o rabino Nussbaum queria que todos os alemães fossem castrados?”. Ou seja, esse tipo de história completamente maluca e fantástica. Eu acabei de inventar o exemplo, certamente, mas os argumentos são mais ou menos desse tipo. Ostentam conhecimentos que dificilmente podem ser verificados, mas que, justamente por sua dificuldade de verificação, dão um tipo especial de autoridade àquele que os enuncia. Creio que por isso será bom que estejamos de antemão especialmente atentos quando se opera com tais afirmações aparentemente bastante concretas. // Isso está misturado com a famosa técnica de Hitler da mentira tosca. Igualmente, nas reuniões eleitorais alemãs, o NPD aumentava de forma claramente sistemática em dez vezes o valor da indenização paga a Israel. No entanto, isso veio a público, protestou-se energicamente contra eles, e aí eles se colocaram em maus lençóis.

Nesse mesmo contexto há igualmente o “método salame”, como se diz em uma expressão alemã impertinente, isto é, cor-

ta-se um pedaço de um complexo, e então mais um e mais um. Ou seja, com essa pedantice pseudocientífica, que é própria desses movimentos, duvida-se dos números de judeus assassinados. E então se diz: “Sim, não foram seis milhões, mas somente cinco e meio”, e uma vez lá, então começa-se a suspeitar se eles de fato foram assassinados, e por fim apresentam como se na verdade tivesse sido o contrário. Penso, portanto, que se deve estar especialmente atento para essas coisas.<sup>17</sup>

46 // Além disso, é bastante característico para esse tipo de pensamento – e isso é ao mesmo tempo um complemento ao concretismo – o formalismo. Em especial um formalismo de tipo jurídico. Por exemplo, a afirmação de que os acordos de Munique foram também assinados voluntariamente pelas potências ocidentais, e que por consequência estariam ainda vigentes legalmente, com todas as reivindicações que derivam daí, como a reivindicação à Província dos Sudetos<sup>18</sup> e o que for.

Então, como eu já disse, creio – não, ainda não falei disso. Isso é uma coisa, não sei se isso vale também para a Áustria, para a Alemanha ela é certamente válida. Eu suporia que aqui ela é também grave: isso que eu gostaria de chamar de truque do oficial ou do funcionário, isto é, o fato de que esses grupos, por

17 Esse mesmo “truque” é mencionado por Adorno também em uma palestra de 1962 intitulada “Sobre o combate ao antissemitismo hoje”, que se aproxima em alguns aspectos dessa palestra de 1966 (Adorno, Theodor W., *Zur Bekämpfung des Antisemitismus heute*, em *Vermischte Schriften I*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2016, p.360-83). (N. T.)

18 *Sudetenland*, província que foi restituída à Tchecoslováquia ao fim da Segunda Guerra Mundial. A reivindicação seria, portanto, a retomada desse território como parte da Alemanha. (N. T.)

meio de sua nomenclatura, se portam como se eles tivessem a cobertura e o apoio de alguma posição oficial. Por exemplo, a revista de extrema direita mais difundida, que é feita para estudantes, chama-se *Studenten-Anzeiger*, que parece, para os ingênuos, como se ela fosse editada por alguma organização estudantil e  
47 como se tivesse a estudantada por trás dela, enquanto ela // é, na realidade, algo puramente propagandístico. Igualmente, a palavra “alemão” é monopolizada. Tudo que se possa imaginar é chamado de alemão, enquanto os partidos que se opõem, uma vez que residem na Alemanha e ali funcionam, são igualmente tão alemães como aqueles que monopolizam a palavra.

Eu gostaria de falar ainda sobre um truque, porque ele de modo algum é só um truque, mas porque é algo com que nos defrontamos repetidamente de forma bastante séria. A saber, é o truque “mas é preciso ter uma ideia”. Isso é uma coisa que se encontra entre pessoas relativamente inofensivas e somente limitadas, que dizem assim: “Ora, o que será dessa juventude? Essa juventude não tem nenhuma ideia, e eles, ao menos, dão a ela uma ideia”. Bom, eu lhes falei anteriormente do idealismo vulgar. Creio que isso é realmente o protótipo do que chamei de idealismo vulgar. De fato, o conceito de ideia é aqui pragmaticamente deslocado para o seu contrário. Isto é, a ideia não  
48 deve existir porque ela é verdadeira, graças a seu teor objetivo, mas somente por uma razão pragmática, // por não se poder viver sem ideia, porque deve ser bom ter uma ideia. O que é o conteúdo da ideia, isso é indiferente. Mas quando alguém só bate na mesa e diz: “nós temos uma ideia”, então isso já é o substituto efetivo para uma tal ideia. Ou seja, eu diria que, nesse ponto em que ocorre o apelo a “mas é preciso ter uma ideia”, deve-se estar especialmente atento.

No que concerne ao nacionalismo, ele não surge na propaganda em geral de maneira vaga, e se concentra com grande habilidade em pontos sensíveis. Por exemplo, na afirmação de que os alemães são discriminados mundo afora. O que se pode responder de modo simples é que o surpreendente é antes, na verdade, o quão pouco de rancor sobrou no mundo, o quão rápido o horror foi esquecido. Ou então falam do desprezo pelos símbolos nacionais, algo que é imediatamente traduzido em ataques de fúria e ações violentas. A autonomização do símbolo em relação àquilo que ele se refere é também um desses // pontos sensíveis que precisariam ser cuidadosamente analisados. O motivo para isso consiste, provavelmente, no fato de que nos símbolos, em seu teor de expressão, ressoam ainda outras coisas que não somente o nacional, o que eles supostamente representam. E quando esses símbolos não são “respeitados” suficientemente, o inconsciente reage a outras ameaças diferentes daquelas insinuadas pela propaganda. A tendência, por exemplo, de taxar de “traidores da pátria” aqueles que querem reconhecer a Linha Oder-Neiße<sup>19</sup> também é parecida. Já houve coisas assim também na época da República de Weimar, quando falavam dos “políticos cumpridores” [*Erfüllungspolitiker*].<sup>20</sup> Esse é o complexo da *punitiveness*, que poderia ser mais bem traduzido como a “alegria da punição”, isto é, alegria de ver outros sendo punidos.

Recentemente, na Alemanha, uma grande instituição de comunicação pública teve uma reunião com alguns líderes do

19 Trata-se da disputa em torno do reconhecimento da fronteira entre a Alemanha e a Polônia. (N. T.)

20 O termo, utilizado pela direita, se referia pejorativamente a políticos que estariam traíndo os interesses nacionais e cumprindo ordens políticas estrangeiras. (N. T.)

NPD para descobrir o que eles teriam na verdade de propostas concretas. E a única coisa que veio de proposta concreta, e isso diz bastante, é que a pena de morte para os assassinos de taxistas deveria ser reintroduzida. Isto parece muito // ridículo e insignificante, mas mostra o papel que o sadismo disfarçado por ideias legais ainda desempenha nesses assuntos.

Vou me poupar de analisar em pormenor outros desses truques característicos da situação atual. Por exemplo, a frase: “O que é permitido a todo Estado de negros, não é também permitido a nós?” – em que se deveria perguntar, “o que, na verdade”? Ou a tese sobre a venda da economia alemã para o capital estrangeiro, com uma simultânea falta de capital na indústria alemã. Ou a tese da estrangeirização devido aos trabalhadores convidados [*Gastarbeiter*] – em que a carência de força de trabalho, mesmo com o desemprego crescente, é ainda tão grande em uma série de profissões, a saber, as de trabalho manual mais simples, que continua a existir a necessidade por trabalhadores estrangeiros [*Fremdarbeiter*] (prefiro dizer “trabalhadores estrangeiros” do que “trabalhadores convidados”, pois julgo “trabalhadores convidados” uma expressão ideológica).<sup>21</sup> E há ainda, é claro, todo o complexo “arte degenerada”, “limpeza”, “tela limpa”<sup>22</sup> e tudo o mais que tenha a ver com essas coisas.

Então há aqui também o complexo “basta de confissão de culpa”, que de todo modo // nunca foi na verdade realmente

21 *Gastarbeiter* era um termo que designava estrangeiros que iam trabalhar na Alemanha por um tempo determinado. (N. T.)

22 A “Ação Tela Limpa” (*Aktion Saubere Leinwand*) foi uma iniciativa nos anos 1960 que tentou instaurar medidas de controle e censura na mídia e no cinema. (N. T.)

exigida. E ainda a fala de que o nacional-socialismo teria sido inicialmente saudável e depois se “degenerou”. Em geral, a doutrina do cerne saudável. E então a tese da compensação da culpa. E, por fim, a polêmica contra os julgamentos dos crimes nazistas, em que Fritz Bauer<sup>23</sup> fez uma vez a observação muito correta de que as mesmas pessoas que fazem pressão pela reintrodução da pena de morte exigem impunidade para os assassinos de Auschwitz, algo que deve ser assinalado nesse contexto. Embora eu não negue que há aqui uma contradição bastante séria, uma contradição que me fez quebrar um pouco a cabeça teoricamente.

Agora, sobre a questão da resistência, permitam-me dizer ainda só mais algumas poucas palavras. Penso que a tática do *bush-bush*, ou seja, a tática de calar sobre essas coisas, nunca deu certo, e hoje certamente esse desenvolvimento foi longe demais para que se possa sair impune. Eu já lhes disse que não se deve moralizar, mas apelar aos interesses reais. Volto a dizê-lo. Talvez eu possa lembrar também de um resultado de pesquisa nos Estados Unidos, // de nossa *Authoritarian Personality*, na qual se mostrou que também as personalidades preconceituosas, que portanto eram completamente autoritárias, repressivas, reacionárias no que concerne à política e à economia, reagem de modo totalmente diferente no momento em que se tratava de seus próprios interesses transparentes, transparentes para si mesmos. Isto é, eles eram, por exemplo, inimigos mortais do governo

23 Fritz Bauer (1903-1968) foi um jurista alemão de origem judaica, autor de diversas obras. Enquanto procurador-geral (*Generalstaatsanwalt*), teve um papel central tanto na captura de Adolph Eichmann na Argentina quanto nos Processos de Auschwitz de 1963. (N. T.)

Roosevelt, mas, no caso das instituições que os beneficiaram de forma imediata, como a regulação dos aluguéis ou o barateamento dos medicamentos, o antirrooseveltianismo deles terminava imediatamente e aí eles se portavam de um modo relativamente racional. Essa cisão na consciência das pessoas me parece ser um dos pontos de partida mais promissores para uma oposição no sentido em que falei.

Um outro momento é a virada para dentro. Isto é, na resistência, tenta-se tomar consciência de que todo esse complexo da personalidade fixada na autoridade e da ideologia de extrema direita na verdade não tem sua substância nos inimigos designados, muito menos naqueles que são atacados, mas trata-se de momentos projetivos, ou seja, // os verdadeiros sujeitos de um estudo, aqueles que devem ser compreendidos e transformados, são os radicais de direita, e não aqueles contra os quais eles mobilizaram seu ódio. Ora, senhoras e senhores, não sou tão ingênuo a ponto de acreditar que com essa virada para dentro seria possível alcançar imediatamente muita coisa no que concerne às pessoas em questão, mas não posso entrar agora nos pormenores do porquê. É da essência dessa síndrome que esse caráter fixado na autoridade seja difícil de ser abordado, que eles não permitam que nada se aproxime deles. Apesar disso – e peço que me perdoem se volto a falar de *Authoritarian Personality* – ficou demonstrado que, simplesmente ao fazer das personalidades que se comportam dessa forma e não de outra um problema sociopsicológico, refletindo sobre elas, sobre o nexo de sua ideologia e sua característica psicológica e psicossocial, ao tornar isso um problema, dissolve-se assim uma certa ingenuidade do clima social e ocorre uma certa desintoxicação.

54 E eu // poderia pensar que também no espaço germanófono, em diversos países em que se fala o alemão, isso promete também alguma perspectiva.

Por fim, devem-se apreender os truques de que falei, deve-se dar a eles nomes bastante drásticos, descrevê-los com precisão, descrever suas implicações e, de certa forma, tentar assim vacinar as massas contra esses truques, pois, por fim, ninguém quer ser um idiota, ou, como se diz em Viena, ninguém quer ser o “pateta” [*Wurzen*]. E o fato de que tudo isto deriva de uma gigantesca técnica de enganação [*Wurztechnik*] psicológica, de uma grande trapaça psicológica, isso deve ser completamente mostrado.

Bom, minhas senhoras e meus senhores, eu repito que estou consciente de que o radicalismo de direita não é um problema psicológico e ideológico, mas um problema muitíssimo real e político. Mas aquilo que é objetivamente falso, não verdadeiro de sua própria substância, o força a operar com meios ideológicos, isto é, nesse caso, com meios propagandísticos. E por isso, além da luta política e dos meios puramente políticos, ele

55 deve ser enfrentado no seu próprio terreno. // Mas não se trata de colocar mentira contra mentira, de tentar ser tão esperto quanto eles, mas de realmente contrapor-se a eles com uma força decisiva da razão, com a verdade realmente não ideológica.

Talvez alguns entre os senhores me perguntarão ou me perguntariam o que penso sobre o futuro do radicalismo de direita. Penso que essa pergunta é falsa, pois ela é demasiado contemplativa. Nessa forma de pensar, que vê de antemão essas coisas como catástrofes naturais, sobre as quais se fazem previsões assim como sobre furacões ou sobre desastres meteo-

rológicos, há já uma espécie de resignação na qual as pessoas desligam-se enquanto sujeitos políticos, há aí uma má relação de espectador com a realidade. Como essas coisas vão evoluir e a responsabilidade sobre como elas vão evoluir — isso depende, em última instância, de nós. Agradeço pela atenção.

## Nota editorial

Theodor W. Adorno proferiu a conferência sobre “Aspectos do novo radicalismo de direita” no dia 6 de abril de 1967, a convite da União dos Estudantes Socialistas da Áustria, no *Neuen Institutsgebäude* da Universidade de Viena. Adorno baseou-se em sete páginas de notas e palavras-chave escritas à mão, que foram preservadas em seu espólio. Para essa edição foi utilizada a gravação de áudio, que se encontra também na Österreichische Mediathek. O texto é uma pré-impressão do volume *Theodor W. Adorno, Vorträge 1949-1968* [Theodor W. Adorno, Conferências 1949-1968], organizado por Michael Schwarz na Suhrkamp Verlag e que será publicado como parte dos *Nachgelassene Schriften* [Escritos do espólio] editados pelo Theodor W. Adorno Archiv.